

Chazanut

NO MOVIMENTO MASORTI

O Chazan do Século XXI

A chazanut foi uma das profissões que passou por maiores transformações ao longo da história, todas condicionadas à complexa – e muitas vezes trágica – experiência do povo judeu no exílio.

O que é a chazanut? Por definição, é o trabalho dos shlichei tzibur para conduzir as rezas. Este ofício consolidou-se após a destruição do beit HaMikdash, quando os coros dos leviim (juntamente com todos os deveres sacerdotais) caíram em desuso e as dinâmicas religiosas judaicas concentraram-se amplamente na sinagoga. Em outras palavras, a chazanut é uma atividade eminentemente religiosa, resultado do desaparecimento de antigas instituições judaicas.

Entretanto, é também a nossa “música culta,” equivalente à música clássica ocidental. Talvez a diferença seja que a última foi desenvolvida como parte de uma cultura de expansão, enquanto que o judaísmo concentrado em sobreviver e se preservar – manteve o caráter original da chazanut como ofício estritamente religioso, desempenhado sempre de modo tradicional.

Isto teve um efeito palpável na evolução do ofício do chazan, que gradualmente também teve que abarcar funções educativas, levando o conceito de “emissário” a um nível muito além do musical: ele não apenas canta e inspira a prece daqueles que o escutam; ele também deve ser um exemplo cotidiano e estar presente em momentos de júbilo e de luto de todas as famílias de sua comunidade. E seu papel não é apenas cantar: é ensinar e transmitir paixão pelo judaísmo e amor pela tradição de Israel. É ensinar outros a liderarem o serviço religioso e a conectarem-se com a Torá e as mitzvot, através da música, além de ajudar cada pessoa a compreender o que está vivenciando, fortalecendo assim a identidade de todo judeu.

Tudo isso não significa que os chazanim – especialmente nos últimos cinco séculos- tenham sido insensíveis ou indiferentes ao que acontecia no mundo musical fora da sinagoga. Temos exemplos maravilhosos de música sinagoga composta com padrões barrocos – como a tradicional melodia de Maoz Tzur – e a partir do século XIX, como parte do desenvolvimento do judaísmo liberal (particularmente na Alemanha), surgiram grandes personagens, como Jacques Fromental Halevy (1799-1862), Samuel Maumbourg (1815-1880), e talvez o músico mais importante desta geração, Louis Lewandowski (1821-1894). Com estes compositores, a estrutura clássica e os estilos passaram a ocupar um espaço permanente na música litúrgica judaica.

Os efeitos se fizeram sentir prontamente, e com a tradição do século XX apareceram os grandes chazanim, que elevaram o desempenho de seu ofício a um nível comparável à música de concerto (especificamente, a ópera). Gershon Sirota (1874-1943), Zavel Kwartin (1874-1953), Yossele Rosenblatt (1882-1933), Mordechai Hershman (1888-1940) ou Moshe Koussevitsky (1899-1966) representam o primeiro grande auge “comercial” da chazanut.

Por que dizemos “comercial”? Porque todos eles desenvolveram seu trabalho na época em que o rádio e o gramofone começavam a se impor como meios maciços de comunicação, e suas vozes puderam ser conhecidas em muito mais lugares graças a estes recursos da modernidade.

Desde então, a tecnologia converteu-se em faca de dois gumes para o chazan: graças à tecnologia, as pessoas de sua sinagoga podiam ouvir o chazan em seus lares, além do que ele podia ser conhecido no mundo todo. Mais ainda, o chazan pôde tornar-se famoso, e a prova disso é o sucesso de mídia que conseguiram atualmente chazanim como Mizrahi, Helfgot, Finkelstein ou Miller. Entretanto, estes aparentes benefícios nos colocam um novo problema, baseado na velha pergunta: O que somos nós, os chazanim? Estrelas ou Shlichei Tzibur?

Estas tensões entre tradição e modernidade e entre devoção e prestígio chegaram ao seu clímax com o apogeu da Internet, hoje não existe chazan que não possa estar antenado com o que acontece no mundo inteiro. Mesmo que se encontre em uma sinagoga distante em qualquer rincão do mundo, ele pode ouvir o que fazem os outros chazanim, conseguir partituras novas, materiais didáticos, ter ou dar aulas, ou colocar na rede seus próprios vídeos para ser escutado. E, sinceramente, não temos razão para considerar tudo isso como algo negativo, muito pelo contrário.

Mas, paralelamente, há sempre a tentação de dar mais importância a este papel mediático do que o que é verdadeiramente importante na vida do chazan, aquilo que define sua vocação pessoal e histórica: o momento em que se levanta no meio da congregação, para dirigir as tefilot, através das melodias e das palavras que nós judeus temos utilizado há milhares de anos, e em todos os lugares onde o exílio ou a diáspora nos levou. Expressando de outro modo: o chazan tem o privilégio de ser o vínculo de carne e osso que não apenas nos aproxima de Adonai, mas que também nos une com todo o Am Israel, ao longo do tempo e do espaço.

É possível que esta vocação seja afetada pela tecnologia e pela modernidade? Em geral, o judaísmo é uma tradição vital, intensa, dinâmica e que tem sobrevivido a incontáveis desafios, sempre revigorado. Portanto, podemos confiar que, mesmo neste caso, a devoção e a sinceridade serão os elementos que darão sentido aos benefícios que nos oferece o mundo atual, e não o contrário.

Entretanto, a tentação individual existe, e com ela o desafio de entender que o chazan, antes da internet, do estúdio de gravação ou da música de concerto, tem obrigações para com sua kaal, com aqueles a quem ele representa, para que eles possam sair do shul com a satisfação de terem compartilhado um momento de interação com o Todo Poderoso, com o Transcendental e com o Eterno.

Chazan Ari Litvak
Comunidad Bet El
México DF, México